

*In via: Francisco, os franciscanos e seus lugares no mundo*¹

In via: Francis, the franciscan and their places in the world

Maria Angélica Silva²



Resumo: Francisco buscou a pobreza e o despojamento dos bens materiais. Mas a passagem da vida do santo para a construção da ordem franciscana propriamente dita fez com que essas metas fossem objeto de muitas contendas. Das peregrinações às sedes fixas, entre o eremitério e a cidade, serão abordados aspectos acerca da materialidade da experiência seráfica com relação à sua casa no mundo. A atenção se dará aos lugares que os franciscanos foram ocupando, focando, em especial, a situação do convento no contexto urbano, tanto no que diz respeito à localização medieval, quanto aos preceitos da implantação das casas e seus atributos na vida cidadina. Serão abordados fatos significativos que ocorrem no período compreendido entre o ciclo de vida do santo e episódios posteriores da história da Ordem, no seu processo de expansão nos séculos seguintes, do contexto de Assis rumo ao mundo.

Palavras-chave: História da arquitetura e urbanismo; Arquitetura religiosa; Espaço e história; Iconografia; Cultura material.

Abstract: Francis searched for the poverty and dispossession of the material things. However, the passage of the life of the saint for the construction of the Franciscan order properly speaking make these aims being subject of several contents. From the peregrination towards the stable settlements, between the hermitage and the city, it will be concerned several aspects of the material dimension of the seraphic experience, in relation to its house in the world. Attention will be paid to the place where the Franciscans had been occupied, specially focusing on the situation of the convent in the urban environment, about its medieval location even the precepts of the implantation and attributes in the city. It was considered the most significant facts during the period of the life of the saint and the episodes of the history of the Order in its process of expansion in the followed centuries, from the context of Assisi towards the whole world.

Keywords: History of architecture and urbanism; Religious architecture; Space and history; Iconography; Material culture.



Francisco e o *locus*

E muitas vezes, fazendo um sermão sobre a pobreza, repetia aos irmãos aquele dito evangélico: As raposas têm suas tocas, e os pássaros do céu seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar sua cabeça (Mt 8, 20; Lc 9, 58). Por causa disso, ensinava os irmãos a construírem casas pobrezinhas à maneira dos pobres, nas quais habitassem como peregrinos e forasteiros (I Pd 2, 11), não como se elas fossem próprias, mas alheias [...]. Algumas vezes mandava que casas construídas fossem derrubadas ou que os irmãos fossem removidos, se percebesse neles algo que, por motivo de apropriação ou suntuosidade, fosse contrário à pobreza evangélica. (LM 7 in TEIXEIRA, 2014, p. 593).

A vida de Francisco e suas propostas para o mundo constituem fatos adensados de grande novidade em inúmeros aspectos. Além do que se inaugura em termos de espiritualidade, há também a conseqüente proposta de alternativas para a organização espacial da sua fraternidade. Sabe-se que sua proposta não incluía, nos primórdios, o estabelecimento de uma ordem monástica; a meta era caminhar pelo mundo em missionação.

Partindo da atitude com relação ao seu próprio corpo, com o famoso ato de despojamento público das vestes, a seguir, Francisco indica que são muitos os outros bens a serem desprezados. O corpo desnudo, na continuidade, se colocará errante, em peregrinação, portanto, livre da casa. *In via*. Conseqüentemente, entre os bens que abandona, está a própria arquitetura.

Pautado pela pobreza e simplicidade, tratava-se de um novo modelo de vida religiosa, moldada num serviço apostólico itinerante (MARANESI, 2018, p. 436), compassado por períodos de reclusão. Esta condição de errantes e peregrinos, submetidos ao abrigo que fosse ofertado, foi um traço importante da conduta dos menores, em seus primórdios.

Acerca da reclusão, os eremitérios frequentados por eles serão muitos: Cárcere, La Verna, Greccio, La Celle, para citar apenas alguns. Trata-se, em geral, de locais montanhosos da Úmbria e da Toscana, que nos tempos medievais ainda se cobriam de extensos bosques. Inicialmente acompanhado de poucos irmãos, a rotina de Francisco compreendia pôr-se a caminho em pregação, temperando essas jornadas com períodos de recolhimento. A estadia no eremitério deveria ser compartilhada com três, no máximo, quatro frades, como consta na *Regola di vita negli eremi* (TEIXEIRA, 2014: 186).



Sob certos aspectos, o eremitério é a verdadeira casa. Lugar de repouso, de descanso das longas viagens, de recuperação da saúde (MARANESI, 2018, p. 440). Pois o caminhar era contínuo e árduo, com curtos períodos de pouso, submetidos às ofertas da comunidade. Nos ermos, imerso na natureza, o frade recobrava as energias para continuar a peregrinação.

Assim, associa-se a vida em caminhada e em períodos de reclusão. Duas opções bordejadas pela natureza. Pois os eremitérios não se diferenciam muito do contexto paisagístico dos caminhos, onde também o contato com a natureza se faz a todo tempo. Sob este aspecto, como se sabe, o franciscanismo estará aliado à ruptura com uma certa forma tradicional de ver o mundo natural no medievo. Se não se abandona de pronto o sentido alegórico de lugares, plantas e animais, contudo está em andamento um processo de se instituir um modo de fraternidade não só entre os humanos, mas com os seres do mundo. E seus conteúdos preencherão as páginas das várias histórias agrupadas nos Fioretti, fruto de recolhas da tradição oral, mas também ecoarão na novidade da poética do “Cântico das Criaturas”, no qual comparece a natureza a partir dos quatro elementos, como na filosofia grega. As flores são citadas, mas curiosamente, não os animais (MARANESI, 2017).

Quando a caminho, os frades “são enviados dois a dois (*bini te bini*) pelo mundo” (MERLO 2005, p. 31). Saem pregando usualmente em língua vernacular. Este estar no mundo significava uma passagem árdua, mas leve, visto ocorrer sem o peso das posses, o que levou alguns autores a associar esta experiência ao tema do *locus*, ou seja, uma maneira de se colocar fisicamente no mundo, variada e movente.

Na linguagem franciscana, a palavra *locus* apresenta uma pluralidade de significados, podendo exprimir realidades muito diferentes, pois diferentes eram as maneiras através das quais os *fratres* conduziam sua busca de perfeição evangélica: *conversatio* entre os leprosos, permanência na casa de alguma pessoa de posição (eclesiástica ou não) na qualidade de servidores ou de trabalhadores, compromisso em modestas atividades ocasionais para conseguir o indispensável para a sobrevivência, a itinerância missionária, além do temporário retiro nos eremitérios. Onde os *fratres* se encontram, ali está o *locus*! (MERLO, 2005, p. 53-54).

Essa alternativa de desapego não significou, de fato, um apartar-se completo das coisas edificadas. As igrejas, por exemplo, constantemente ganharão



a atenção de Francisco e estarão ligadas a vários episódios da sua vida. As decisões com relação ao edifício religioso não se encaminham na intenção de construir templos *ex nihilo*; Francisco busca o que está em ruína e isolado, o que é modesto, na intenção de recompô-los. É o que conta o episódio da reconstrução da igreja de São Damião. Situada fora dos muros de Assis, estando Francisco a meditar nos seus arredores, ao adentrar no pequeno templo, nele ocorre o famoso episódio da vida do santo, que escuta de Cristo que deveria reparar a sua igreja. De fato, começa a realizar ali mesmo a recuperação física do edifício até que outra compreensão surja e que conclua estar incumbido de construir igrejas no coração da humanidade. Portanto, o caminho de Francisco e de seus seguidores deveria ser rumo até onde as pessoas estivessem.

Um outro abrigo frequentado por Francisco em torno de 1208 se estabelecerá em Rivotorto, aos pés do monte Subásio, nas proximidades de Assis, onde se acomoda juntamente com Pietro Cattani e Bernardo da Quintavalle. As fontes registram que se tratava de uma acanhada estrutura de pedra, em pequenas dimensões, muito possivelmente na forma como se encontram hoje abrigadas no interior da igreja do mesmo nome (CANIL, 2004).

Rivotorto será, portanto, a primeira “casa” franciscana. Depois, os frades se transferiram para a Porciúncula, também, como São Damião, já existente, ofertada pelos religiosos do monastério beneditino do monte Subásio. Nas proximidades da Porciúncula situava-se o leprosário de San Lazzaro dell’Arce, frequentado por Francisco e palco de importante episódio da sua vida. Tanto São Damião como a Porciúncula contaram com os trabalhos de reforma de Francisco, executados por suas próprias mãos (ROMANINI, in CARRATELI, 1987, p. 478).

Esta conduta refratária a construir a partir do novo, de aproveitar o já existente, será também um traço peculiar dos lugares franciscanos ao tempo dos primórdios da fraternidade. Os frades, nas errâncias e no bater nas portas pedindo abrigo, chegavam a solicitar e receber apoio material de outras ordens religiosas. Ao modo da Porciúncula, contaram com a hospitalidade em inumeráveis monastérios (ROBSON, 2009, p. 42). Assim, foi-se criando uma rede de lugares simples, onde não se assume a propriedade, mas ordinariamente se usava por algum tempo, de forma provisória.

Se, no início, o convite era aberto a quem quisesse acompanhá-lo, com o sucesso da Ordem houve um aumento exponencial dos seguidores de Francisco. Já o papado voltava a sua atenção para aquele grupo que surgira a princípio de forma tão humilde e obscura. Um outro exemplar de arquitetura religiosa é



evocada, neste contexto, quando do episódio do sonho de Innocenzo III, no qual Francisco surge como um pilar de sustentação da basílica de Laterano, ou seja, o coração da igreja latina da época.

Figura 1 - Igreja de San Damião



Fonte: http://www.ciai-assisi.it/Assisi_San-Damiano.htm e <http://ofsriocompridorj.blogspot.com/2010/05/o-cruzifixo-de-sao-damiaio.html>, acesso em 28 ago. 2019.

Figura 2 - Rivotorto



Fonte: <http://www.visit-assisi.it/en/territory/churches-and-sanctuaries/franciscan-sanctuary-of-rivotorto/>, acesso em 28 ago. 2019.

Figura 3 – Basílica de Santa Maria dos Anjos e a Porciúncula em seu interior



Fonte: <http://www.visit-assisi.it/en/territory/churches-and-sanctuaries/franciscan-sanctuary-of-rivotorto/>, acesso em 28 ago. 2019.

Por causa desse crescente número de adeptos e de um processo de contínua



clericização dos menores, o abrigo não mais deve ser improvisado e precário, dependente do que era ofertado, mas deve se fazer, em casas. Francisco resiste a essa ideia. Conclamara seus seguidores a usufruírem das pequenas sobras, dos cantos malvistos, do abrigo ordinário por vezes apenas provido pela natureza. Mas também indicava para eles, como destino privilegiado de atuação, os locais de aglomeração humana. O consórcio dessas duas premissas vai dirigindo os irmãos necessariamente às cidades, entretanto ainda equilibrando isolamento e convívio. Acabou-se por instituir uma estrutura bipolar, tracionada não mais entre o caminho e um lugar na natureza – o eremitério –, senão entre este e a cidade. Não alternativos, mas complementares (MARANESI, 2018, p. 436). “Francisco busca a alternância entre a ação urbana e o retiro eremítico, a grande respiração entre o apostolado no meio dos homens e a regeneração na e pela solidão” (LE GOFF, 2011, p. 37).

Se o caminhar não tem fronteiras, neste sentido, pode-se dizer que Francisco propõe um alargamento imensurável do seu monastério, que se torna o mundo (MARANESI, 2018, p. 436). Por outro lado, as cidades viviam um momento de consolidação. E fez parte da modernidade do franciscanismo a adesão ao ato de urbanizar. Tratava-se de uma opção que rompia, ainda com maior ímpeto, com a condição das ordens religiosas da época, trazendo uma nova reconfiguração ao lugar dos franciscanos no mundo. Ademais, do *domus* ofertado e periférico à indicação do rumo à cidade, este processo anuncia previamente a possibilidade da aceitação da vida em conventos (ROS, 2000, p. 55-58). Do silêncio dos eremitérios ao pregar nas praças e outros locais onde se juntassem pessoas, tudo se torna o *locus*. Assim, as cidades, e não só os territórios sacros isolados, passam a constituir lugares do divino.

O franciscanismo somava-se às transformações pelas quais passava a sociedade à época, com um afastamento do contexto rural e feudal baseado na posse da terra, para uma economia que se voltava cada vez mais ao comércio, do qual o próprio pai de Francisco era um exemplo. Assim, a intenção do movimento e das trocas, ativada pela economia, confluía com a intenção dos frades em caminhar pelo mundo. Também o contexto rural se alterava, com a agricultura passando por inovações tecnológicas, adotando ferramentas em ferro, por exemplo, e outras formas de usar a água e o vento, num conjunto de alterações em andamento na vida econômica e social.

Os frades vão passando, portanto, de nômades a itinerantes, e depois, a residentes (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 9). É importante lembrar que essas residências não eram definitivas e que o caminhar prosseguia como uma meta



do frade, incluindo as trocas constantes de moradia em um convento e outro.

No início, os frades se opuseram à clausura e, portanto, a habitar em um local que se articulasse em torno de claustro. Desejavam que suas habitações lembrassem o *domus*, a casa. Esta intenção fica clara na obra do próprio Francisco para a reconstrução da Porciúncula, a fim de abrigar Clara, da qual participa, e em cuja reforma não estão agregados os elementos típicos da clausura, como a compartimentação do espaço e a adoção de grades e muros (ROMANINI, in CARRATELI, 1987, p. 478).

Em 1220 o noviciado torna-se obrigatório para os franciscanos, reforçando definitivamente a demanda por sedes estáveis. Consequentemente, o suporte material não pôde ser mais ignorado por completo pela fraternidade primitiva. Na Itália, a Ordem atinge uma difusão de consideráveis dimensões. Os frades aos poucos adotam moradias em quase todas as cidades. Até mesmo os humildes eremitérios tomarão a feição de conventos, de forma progressiva no passar dos séculos. É o que ocorre futuramente com Rivortorto, Porciúncula e La Celle, por exemplo.

Figura 4 – Eremitério de la Celle, destacando-se a primeira etapa construída em 1211, e a segunda, em 1230.



Fonte: <https://tournatoscana.com/cortona/o-eremiterio-eremo-le-celle-de-cortona/>, acesso em 29 ago. 2019, adaptado pela autora a partir de RICCI, 2009.

“Os frades escolhem a precariedade, mas são impelidos para a estabilidade” (MERLO, 2005, p. 57). O contato com a cidade começa tímido. São lugares urbanos, mas isolados. Os frades continuam a adotar a prática de Francisco, com a reutilização de velhos edifícios religiosos, em geral situados fora dos muros da cidade. Depois, os conventos vão penetrando na malha urbana. Por vezes com resistência, mas cedendo à demanda das comunidades por uma aproximação



mais cômoda aos frades. Por outras, devido a exigências externas à Ordem, como o contexto das guerras, que se faziam constantes e tornavam perigosas as edificações externas adossadas aos muros, tanto pelo risco de serem invadidas quanto por servirem como trampolim para que tropas invasoras adentrassem nas cidades. É o caso de vários conventos situados na Emília Romana (MAIOLI & GIANAROLI, 1995).

Ainda seguindo a prática da negação da posse, os frades habitam conventos apenas recebendo concessões de terrenos ou de edificações. Por vezes, este processo resulta simplesmente na ocupação de áreas vazias; por vezes, trata-se de um reúso, quando conventos são erguidos em locais cemiteriais, por exemplo. Sob certas circunstâncias, as casas seráficas chegaram a causar demolições do tecido urbano, para usufruírem de áreas mais generosas. Há o caso das próprias igrejas, que sofrem ampliações, ou dos edifícios conventuais que, com o aumento dos seus habitantes, duplicam as áreas de claustros ou ajustam de outras maneiras suas áreas edificadas. Mudanças urbanas e arquitetônicas prosseguem para além dos séculos medievais, como se pode ver no caso de São Francisco de Bolonha, cujos mapas do século XVIII mostram o adro em frente à igreja interceptado por um conjunto de casas que depois será demolido.

Quanto mais as edificações se tornam complexas, infere-se que por trás delas está todo um aparato administrativo, de arquitetura, engenharia e canteiro de obras que parece não se adequar mais a uma Ordem voltada à humildade. Esta crescente sofisticação do edifício não deixa de ser acompanhada por muitas crises. A pobreza será um tema discutido durante os períodos medieval e moderno entre os frades, provocando muitas contendas que resultarão nas conhecidas cisões no interior da Ordem. Cada instância de crescimento é acompanhada do conseqüente movimento de questionamento provindo das correntes adeptas à restrita observância. Se ganham força, ocorre uma atitude de regressão nos padrões arquitetônicos (MERLO, 2005).

A casa na cidade: trocas profícuas

Com o passar do tempo, a presença franciscana vai se afirmando cada vez mais nas cidades. Com a experiência do *locus* a migrar para a construção de efetivas casas conventuais, já na península italiana e suas ilhas, ainda na primeira metade do século XIII, “os frades têm moradias estáveis em quase todas as cidades sedes de bispado e nos burgos, grandes e pequenos, num número aproximado de quinhentos, subdivididos territorialmente em quatorze



províncias” (MERLO, 2005, p. 60).

Cerca de pouco mais de uma década após a morte de Francisco, no capítulo geral de 1239, tornou-se necessário regular este crescimento, fixando-se em 32 o número das províncias da Ordem. Elas se dividiram geograficamente a partir dos Alpes em 16 cismontanas e 16 ultramontanas. A primeira congregava grande parte da península italiana mais a Terra Santa, a Dalmácia e a Grécia. A ultramontana compreendia áreas que iam da Península Ibérica às Ilhas Britânicas, passando pelos países de língua alemã e chegando à Escandinávia, num processo de expansão sem precedentes.³

Um aspecto que atenuava estas transformações é que inicialmente as casas eram muito modestas, ainda sem adotar necessariamente o modelo conventual.

Supported by benefactors, the friars made their homes in the major centres of population, where they were helped by senior ecclesiastics, monastic communities, urban bodies, the universities and the clergy (...). Because the early friars settled in small numbers, initially groups of three or four, living in ordinary dwelling houses, foundations could be made with comparatively low levels of investment by founders and patrons. One of the first friars in Germany professed that he did not know what a cloister was. (ROBSON, 2009, p. 41).⁴

A casa na cidade foi acompanhada do incremento da prática dos sermões e das confissões, que se consolidarão como uma marca das ordens mendicantes (BRUZELIUS, 2014, p. 28). A pregação foi uma das atividades mais constantes dos franciscanos, tendo início já nos primórdios da Ordem, com destaque para Santo Antônio de Pádua (1195-1231), que vindo de um grande centro de estudos em Portugal, sediado na cidade de Coimbra, era tido como um orador excepcional.

Os frades pregavam onde era possível. Nas fontes há registros de sermões em praças em Assis, Bolonha, Perugia, Poggio e Terni (ROBSON, 2009, p. 20). As crônicas registram casos como o do frei Gherardo, narrado por Salimbene (1221-1288), que construiu uma plataforma de madeira para pregar na praça de Parma ou onde fosse preciso (DI PARMA, 1987, p. 108). Portanto, diferente do comportamento afeito à rotina paroquial, em que os padres aguardavam pelos fiéis nos templos, pregar em locais abertos, nos campos ou até à beira-mar, era uma constante na vida dos frades (ROBSON, 2009, p. 52).

Afirma-se que o modelo conventual dos mendicantes se reporta ao dos



cistercienses (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 22), contudo é certo que mudanças ocorreram, visto que a Ordem escreve uma outra história, o que inclui, além de adotar outro formato e outra concepção espiritual, uma outra proposta de inserção física no mundo. No início, poucos frades eram sacerdotes, mas este número foi crescendo e os próprios templos tornaram-se edificações condicionadas a tal prática. A igreja franciscana irá assumir traços peculiares em termos de arquitetura. A nave deverá ser longa para abrigar muitos fiéis. De início, altares flanqueavam o altar-mor para proceder à eucaristia. Tempos depois, esses altares movem-se para as laterais da nave (ROBSON, 2009, p. 162), reforçando seu aspecto longitudinal.

Portanto, diferentemente dos cistercienses, que seguiam a tradição beneditina de igrejas fechadas, voltadas para os próprios monges e isolada em recinto fortificado, a igreja franciscana se mostra espaçosa, iluminada, inserida na cidade ou nos seus arredores, e aberta aos fiéis. Simplificada em termos de programa, unificada em termos formais, volta-se diretamente para a ábside e modula a luz na direção deste local. À medida que passa o tempo, a edificação vai somando outros avanços em termos técnicos, a exemplo do aprimoramento acústico (ROMANINI, in CARRATELI, 1987, p. 480).

O modelo resulta espacialmente em uma ambiência reforçada pela visível marcação estrutural das pilastras. São altas, severas, despojadas. O teto se mantém à vista e todos esses atributos darão origem à chamada “igreja-celeiro”, que se propagará pela região da Úmbria, denominada, à época, *Provincia Sancti Francisci* (BOZZONI, in SERRA, 1990, p. 139). Aventa-se a possibilidade de que componentes do programa conventual, como o caso de estruturas que abrigavam dormitórios ou refeitórios nos mosteiros, tenham servido de modelo para estas naves, inclusive os próprios celeiros dos cistercienses (ROMANINI, in CARRATELI, 1987, p. 480). Nos exemplos que seguem abaixo, há de se fazer a ressalva das reformas posteriores, em especial no contexto barroco, que engrandecem a estrutura decorativa dessas igrejas.

Outro aspecto a se aventar, considerando a listagem de cômodos como um todo, seria uma simplificação do programa arquitetônico do convento franciscano no que tange aos ambientes vinculados ao uso rural, já que não fará parte da conduta mendicante uma adesão significativa ao lavrar das terras, inclusive referendado pela inserção urbana dessas casas.



Figura 5 – Nave da Basílica de Santo Antônio, Pádua e da Basílica de São Francisco, Bolonha, Itália.



Fonte: <http://www.romaperegrina.com/a-basilica-de-santo-antonio-de-padua/> e <https://www.dreamstime.com/view-facade-basilica-san-francesco-bologna-italy-bologna-italy-september-view-facade-basilica-san-francesco-image132518726>, acesso em 28 ago. 2019.

Assim, embora simples, as instalações franciscanas vão ganhando proeminência na paisagem urbana, chegando a competir, volumetricamente falando, até mesmo com as catedrais. Buscava-se, contudo, compensar a grande dimensão com a simplicidade da forma (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 23-24).

Uma vez que os frades viviam caminhando e, portanto, conhecendo novas realidades e interagindo com outros, vindos de outras regiões, poderiam também mesclar influências na edificação de suas casas, concretizando-se em diversas escalas e experimentos espaciais vinculados à devoção. De fato, esses modelos vão se alternando em face dos tempos e dos lugares. Chega-se a afirmar que os franciscanos vão se pautar, no que tange aos parâmetros edilícios, mais pela improvisação e pela fantasia (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 20). De fato, só em 1260 a Ordem prescreve uma legislação acerca da prática edilícia, que foi instaurada bem anteriormente, durante o Capítulo Geral de Narbona, e que é reconfirmada em 1279 e em 1292 (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 18-19).

As igrejas, por vezes, levarão décadas ou mesmo séculos para ser construídas, dificultando uma datação precisa, bem como das alterações que provavelmente ocorriam do início da obra até o seu final. São inúmeros os exemplos; cita-se o caso de St. Croce, em Florença, cujas obras se iniciaram em torno de 1228, e entre ampliações, demolições e reconstruções, chegaram até o século XX (DE MARCHI & PIRAZ, 2011, p. 164-165). Neste aspecto, os conventos e igrejas franciscanas seguem o procedimento de expressivo número de edificações medievais de maior porte, cuja construção se prolongava por dezenas ou mesmo por mais de uma centena de anos. No caso franciscano, autores levantam até



mesmo a possibilidade de que o aspecto inacabado ou em ruína fosse utilizado como catalizador de esmolas e doações para a finalização das obras (BRUZELIUS, 2014, p. 19).

Neste processo, suplantam-se os procedimentos de humildade e simplicidade, preconizados nas Constituições de Narbona com relação às edificações franciscanas. No caso da que é considerada o primeiro templo de feição gótica erigido voltado à devoção ao santo fundador da Ordem – excetuando Assis, igreja-sepulcro –, a igreja de São Francisco de Bolonha, esta já se destaca pelas avantajadas proporções. Sua nave alcançará 92 metros de comprimento. Será seguida pela de Pisa, com 81 metros (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 24). Com a ampliação realizada entre 1237 e 1239, atinge 57 metros (SCHENKLUHN, 2003, p. 42). Outras igrejas menores irão sendo reformadas e, conseqüentemente, ampliadas.

Há de se considerar que, se há nas Constituições de Narbona um acento na modéstia em termos arquitetônicos, de fato não se estabelecem as dimensões máximas para a igreja, restando apenas a obrigação de se construir em proporção à demanda do lugar (SALVATORI, in BONELLI, 1982, p. 23). Atitude diversa tomaram os seguidores de São Domingos. A legislação dos predicantes, já posta décadas antes de Narbona, apresenta dados precisos sobre esses limites (BONELLI, in SERRA, 1990, p. 20).

No decorrer do tempo, frades passam a ser cada vez mais bem-vindos ao mundo urbano, e nele desenvolvem, além das atividades de ordem espiritual, muitas contribuições de caráter civil. Uma função fundamental das casas conventuais será o estudo. Monastérios tradicionalmente contavam com mestres e estudantes, e muitas escolas surgirão sediadas em catedrais. A princípio, a humildade de Francisco parecia descartar qualquer aproximação com as letras como meta para seus seguidores. Porém, com o tempo, vai-se erodindo a ideia de que haveria uma incompatibilidade entre virtude e aprendizado. Compreende-se o estudo como um trilhar para o caminho da santidade. Tal fato estaria na base da rápida santificação de Santo Antônio de Pádua, ocorrida em 30 de maio de 1232, portanto, apenas um ano depois da sua morte (ROBSON, 2009, p. 59). Ele iniciou suas atividades como professor em Bolonha, sob a autorização de Francisco. Assim, a necessidade do estudo era incitada à medida que cada vez mais os frades se envolviam com a prédica, o que demandava preparo. Era também uma época de combate à heresia, e as lições fomentavam os estudos teológicos que se aliciavam a esta frente religiosa.

Bernardo da Quintavalle teria fundado uma pequena escola em Bolonha



em 1211. Em Paris, este fato ocorre em 1219, e em Oxford, em 1224. Pode-se afirmar, portanto, que já se há, num arco de poucos anos, três centros de estudos franciscanos em funcionamento, sem contar que os conventos mais significativos já possuíam seus próprios frades leitores (BOUGEROL, 1978, p. 408-409).

As atividades serão sustentadas por importantes bibliotecas. Os frades recebiam doações de manuscritos e se dedicavam longamente a copiá-los, conforme a secular tradição monástica (ROBSON, 2009, p. 65). À medida que se envolvem mais diretamente com o estudo e com a condição sacerdotal, cresce também o apreço pelo conhecimento, o que trouxe como consequência, por vezes, o entendimento hierárquico da comunidade a separar os frades ilustrados e os não. Disso se encontra registro em várias partes da crônica de Salimbene (DI PARMA, 1987).

Com todos esses fatos, um outro jogo de equilíbrio entre o vagar pelos caminhos e um aumento do tempo de reclusão traz como consequência a demanda por maiores conventos, o que vai acontecer de forma decisiva durante o generalato de São Boaventura (1257-1274). Esta maior presença física, conquistada com o apoio de doadores, traz também a necessidade de um melhor preparo para a inserção na cidade, o que parece justificar a necessidade de frades mais cultos para servir aos fiéis.

Não só a população e o papado reconheciam a importância da Ordem. Desde os primórdios, são registrados fatos de adesão à fraternidade por membros de famílias nobres. A seguir, as famílias reais também passarão a apoiar as atividades dos mendicantes, com destaque aos franciscanos. Estes se afirmarão, para além do aconselhamento teológico, como hábeis estrategistas, auxiliando nas arbitragens civis. Com os estudos, se aprimorarão também em termos do conhecimento jurídico, e em breve se farão confesores e aconselhadores de príncipes, reis e rainhas.

Com isso, os conventos franciscanos expandem suas funções urbanas. Além da doutrina e do apoio espiritual, ampliam as práticas solidárias à vida urbana, como o fornecimento de estudos de gramática para as comunidades, o apoio na doença, nas guerras e durante as pestes, que se conciliará com o suporte na morte.

Este novo âmbito vinculado à vida pós-terreal tornarão as doações e o apoio aos conventos bem mais generosos. O ritual começava no acompanhamento dos doentes com visita às casas, com o próprio suporte das farmácias conventuais e dos frades herboristas, passando a seguir a toda a administração dos cerimoniais



da morte. Depois dela, missas e sufrágios, seguidos por doações, prolongam o processo, por vezes, com intenção *ad infinitum*. Os nobres, além dos vínculos já mencionados, se inclinam a integrar a Ordem e, conseqüentemente, a escolher as igrejas em que serão sepultados (ROBSON, 2009, 159). Neste processo há um complexo sistema de sufrágios.

Em quase toda a cristandade, não existe família nobre da qual não provenha algum frade menor, como com toda a evidência pode-se constatar e claramente aparece seja pela vida seja até pela morte, considerando as sepulturas de homens excelentes que se encontram perto de todas as sedes dos frades menores, espalhadas por toda a parte; na maior parte, são homens que, assumindo por devoção o hábito minorítico, com ele quiseram ser sepultados. (Frei Bartolomeu de Pisa, apud MERLO, 2005, p. 141).

Bruzelius comenta a inteligência deste procedimento; colhe nas crônicas de Giovanni Boccaccio e Geoffrey Chaucer inúmeros exemplos de críticas às atitudes de determinados frades que poderiam ser consideradas pouco franciscanas (BRUZELIUS, 2014).

O crescimento do número de conventos só se deterá com a peste, em meados do século XIV (SALVATORI, in BONELLI, 1982, p. 33), mas oscilará, como já mencionado, de forma combinada com um afluxo de tendências da própria Ordem por reforma, que levará, sob determinadas circunstâncias, até mesmo a um retorno às pequenas cidades e sedes rurais, com a conseqüente adoção de conventos menores (SALVATORI, in BONELLI, 1982, p. 33).

Grandes ou pequenos, os conventos se estabelecem com equipamento urbano fundamental. Todo um conjunto de razões vai fortalecendo e tornando definitiva, no mundo medieval, a presença conventual franciscana. Contudo, tal crescimento não ocorrerá sem contendas e oposições. Por exemplo, o grande número de missas e confissões providas pelos frades entra em franca competição com as igrejas paroquiais (ROBSON, 2009, p. 164).

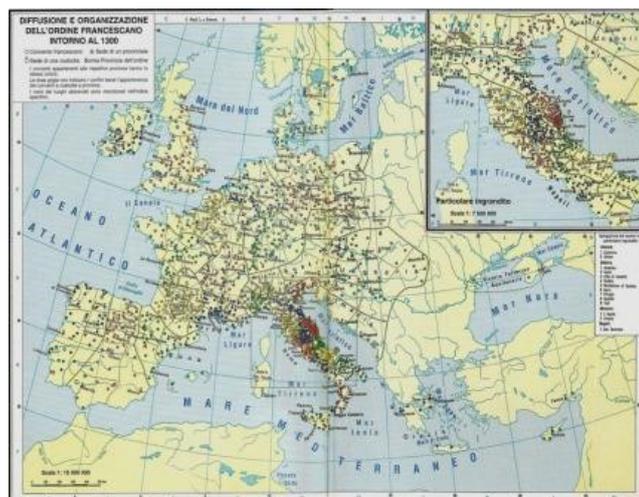
Conventos e geografias urbanas

Os conventos crescem com as cidades, e logo haverá um convento franciscano ou dominicano praticamente em cada uma delas. Segundo Braunfels, em 1316, considerando apenas os conventos franciscanos masculinos, havia 567 casas



nas províncias da Itália. Na França, no mesmo ano, seriam 247, e na Alemanha, 203 (BRAUNFELS, 1993, p. 129).

Figura 6 – Mapa apresentado em Schenkluhn (2003), mostrando a localização das casas franciscanas na Europa por volta de 1300



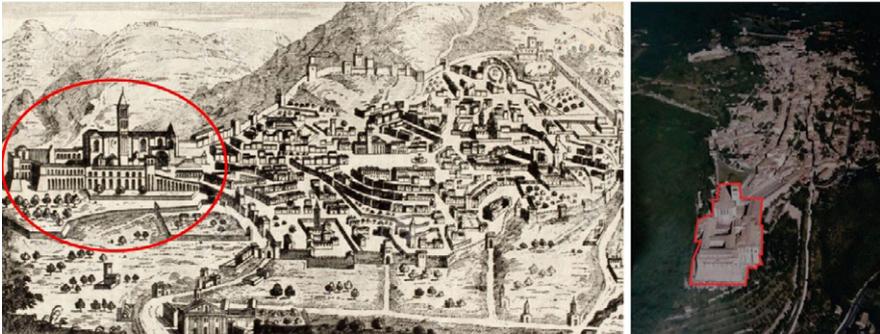
As fontes indicam uma relação, em vários países da Europa, entre o crescimento urbano e a implantação de casas conventuais, sobretudo as vinculadas aos mendicantes. Neste sentido, coloca-se como um marco a famosa investigação conduzida pelo Centro de Pesquisas Históricas na Escola de Altos Estudos na França, envolvendo vários historiadores, entre eles, Jacques Le Goff, reportado em dois números da revista *Annales*, nos anos de 1968 e 1970. Trata-se de uma enquete que buscou averiguar a assertiva de que o mapa urbano da França medieval, entre os séculos XIII e XVI, coincidiria com o das casas conventuais mendicantes, não havendo centro urbano sem um convento dessas ordens. O número de conventos variava neste período de um ou mais; Paris atingiu 11 casas, considerando-se apenas os conventos masculinos (AMBROSELLIE, 1968). O estudo não conclui que seja possível ligar a fundação de conventos mendicantes à manifestação urbana de forma absolutamente direta, contudo, confirma o papel essencial cumprido por tais ordens para promover a vida urbana.

Esta referência dos conventos nas cidades também pode ser quantitativa-mente aferida, embora de forma aproximada, caso se observe a dimensão espacial dessas casas. Se se tomam, por exemplo, gravuras posteriores ao período medieval, nas quais as cidades deveriam se achar mais expandidas, em muitas delas constata-se a expressividade da área ocupada pelo edifício conventual.



Um caso flagrante é o de Assis. O projeto, conduzido por frei Elias, é anunciado com a intenção de acolher o corpo do Povarello. A escala e a grandiosidade que tomou é justificada na literatura como decorrente da ação do papado. Visando incrementar a fé a partir de novos santos, o papado se esforçaria por converter aquele convento e basílica num ícone universal (MERLO, 2005, p. 49). Chegasse a afirmar que a área do convento atingia um terço da área da cidade (FIORENTINO, in BONELLI, 1982, p. 23). Em gravura realizada por Pieter Mortier (1661–1711), pode-se aferir visualmente esse dado.

Figura 7 – Inserção do convento e basílica franciscana na cidade de Assis



Fonte: infográfico da autora, a partir da gravura de Mortier.

Há também de se considerar todo um jogo cenográfico envolvido na implantação do edifício, que vai desde o posicionamento da fachada, dentro de um cone de perspectiva, com amplo espaço de fruição visual garantido pelo adro. Esse mesmo artifício permite que a dimensão visual mais modesta do edifício se poste perante a cidade, deixando que a grande massa construtiva se desenvolva aos fundos e nas laterais, em geral oculta pelos muros conventuais e apenas constatada à distância da cidade.

Figura 8 – Convento de São Francisco de Assis



Fonte: autora e https://pt.wikipedia.org/wiki/Bas%C3%ADlica_de_S%C3%A3o_



Francisco_de_Assis, acesso em 29 ago. 2019.

Os processos de doação, no caso de Assis, incluíram as que partiram do próprio papa Bonifácio VIII, como também de cardeais, bispos, reis, rainhas e outros membros de famílias reais de dentro e fora da Itália. Para contar com a recompensa dos céus, a possibilidade de receber indulgências incluía os que ofereciam a força de trabalho gratuitamente (ROBSON, 2009, p. 163).

Para além da basílica e do convento, caso se fosse mapear todos as edificações arquitetônicas e espaços naturais relacionados ao franciscanismo em cada cidade medieval, as proporções da ocupação seráfica decerto se elevariam enormemente. Em especial na Itália, haveria uma história sobre os espaços percorridos por Francisco e seus seguidores que pontilhariam qualquer registro cartográfico com inúmeras referências.

Em Bolonha, o primeiro marco da presença franciscana na cidade se dá em 1211, quando o frade Bernardo de Quintavalle, considerado o primeiro seguidor de Francisco, chega ali. Segundo as fontes, embora de origem social privilegiada, se apresenta roto, com os pés nus, e logo é motivo de chacota. Porém é reconhecido por um jurista e, a seguir, acolhido por seus familiares. Provavelmente, tratava-se de membro da importante família Pepoli (GARANI, 1948, p. 4-6).

Este lhe destina um local para iniciar um abrigo, numa área conhecida como Santa Maria de Pugliole (GARANI, 1948, p. 2), hoje denominada praça dos Mártires. Neste local situava-se uma antiga sede religiosa abandonada, portanto, uma situação cara aos preceitos do santo de Assis (MAIOLI & GIANAROLI, 1995, p. 25).

Em 1221 é o próprio São Francisco que passa por Bolonha, quando da sua viagem de retorno do Oriente. É nesse contexto que ocorre o famoso episódio que noticia ter sido erigida ali uma “casa dei Frati” (GARANI, 1948, p. 7). Imediatamente, Francisco intimou seus seguidores a abandoná-la. A situação foi contornada pelo cardeal Ugolino, que interfere assumindo que a propriedade seria da Santa Sé Romana.

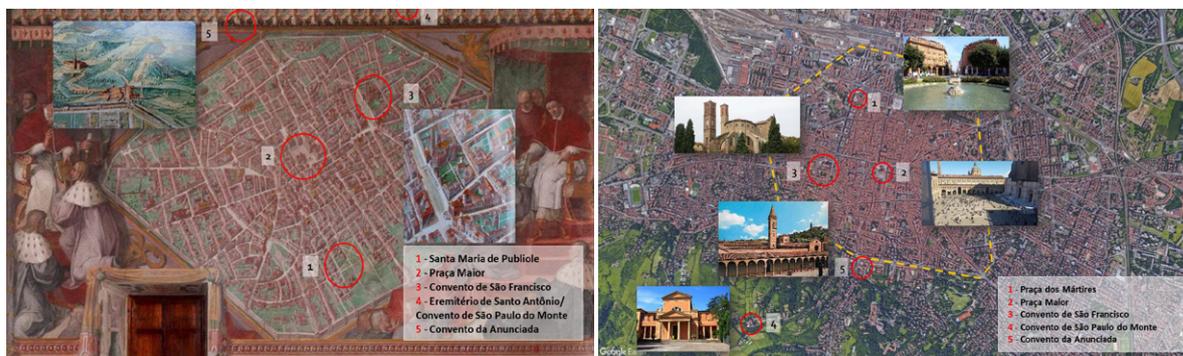
Um ano depois, em 1222, Francisco novamente passa pela cidade e predica na Praça Maior. Em 1223 é a vez de Santo Antônio estabelecer-se em Bolonha por um ano, no convento de santa Maria delle Pugliole. Neste período, obteve a autorização de Francisco para iniciar um *studio*. Mas depois, cumprindo o princípio da itinerância, foi enviado à França (CAPITANI, in MAIOLI & GIANAROLI, 1995, p. 6-11).



Visto que a área de Pugliole era muito solitária e distante da parte principal da cidade, dificultando o acesso dos moradores às prédicas e confissões, o papa Gregório IX concede que os frades ocupem uma área próxima à Porta Stieri, onde se erguerá o grande complexo franciscano da cidade de Bolonha, que chega aos dias de hoje. Junto ao convento foram instaladas as primeiras tumbas dos Glossatori, ou seja, membros da escola jurídica que estão na base da criação da Universidade de Bolonha, considerada a primeira da Europa.⁵

Também através de Santo Antônio há um outro encaminhamento dos lugares franciscanos na cidade. Ele costumava frequentar um eremitério durante o seu magistério de teologia em 1224. No local foi erguida uma capela e, tempos depois, o convento de São Paulo do Monte, que remonta a 1403. Trata-se de uma área colinosa e fora dos muros. Em 1475 o convento prossegue seu caminho rumo à cidade com a autorização do papa Sisto IV para que os frades construíssem um novo edifício, agora próximo à porta de São Mamolo, denominado da Annunziata (GIANAROLI, in MAIOLI & GIANAROLI, 1995, p. 68-77).

Figura 9 e 10 – Infográficos localizando os lugares franciscanos no século XVI no mapa da Sala Bolonha afrescado nos edifícios do Vaticano, datado de 1575 e no Goggle Earth, 2019



Fonte: autora

O locus mediterrânico

Se se considerar o grande entorno geográfico continental em volta do Mediterrâneo, tendo em um de seus extremos a Península Itálica e no outro a península Ibérica, este se constituirá num dos eixos de expansão do franciscanismo. Em 1213 ou 1214, Francisco acessou estas terras ao trilhar o caminho de Compostela, passando, entre outras cidades, por Barcelona, Burgos e pela própria Santiago de Compostela (SCHENKLUHN, 2003, p. 167). Em 1217 a Espanha já constituía uma das províncias da Ordem, e cresceu de tal modo



que em 1232 já se configurava em três.

Em Portugal, a tradição narra que a passagem do santo motivará a criação das primeiras casas conventuais. Considera-se a de Bragança a mais antiga delas, iniciada em 1214. Seguem-se a de Alenquer e a de Guimarães em 1216, a de Lisboa, em 1217, a de Coimbra em 1218, a de Évora em 1224, Leiria e Porto em 1233. Seriam ainda edificadas no século XIII as de Covilhã, Estremoz e Santarém. No século XIV, o conjunto somaria 22 unidades (RIBEIRO, 1946, p. 38-42).

Tomando como exemplo Lisboa, o seu convento principal será chamado São Francisco da Cidade, dada a sua dimensão. Em mapa posterior ao período medieval, mas que circunscreve a área murada daquela época, pode-se constatar a dimensão avantajada do edifício e dos terrenos do convento. Foi implantado numa situação quase periférica em relação à cidade, com relevo dificultoso, mas em meados do século XIV já se encontrava inserido na muralha fernandina. Sua fundação teria sido obra de frei Zacarias, edificada no então denominado monte Fragoso, onde apenas existia a igreja de Nossa Senhora dos Mártires. Atualmente, a propriedade foi desmembrada em uma série de lotes e ruas,

Figura 11 – Maquete do acervo do Museu da Cidade de Lisboa, mostrando o volume do antigo convento de São Francisco da Cidade



Fonte: foto da autora em 2006

onde se encontram instalados a Faculdade de Belas-Artes, o Museu Nacional de Arte Contemporânea (atual Museu do Chiado) e o Teatro São Carlos.

O caso de Lisboa ilustra a importância do convento franciscano, situado numa localização que rapidamente se tornou um referência na cidade. Observa-se assim o prolongamento da prática

italiana ao outro extremo do continente europeu.

Quando a cidade entra na igreja

Uma outra e última imersão no vínculo entre o franciscanismo e o urbano a ser tratada aqui pode ser acompanhada quando se deixa a própria cidade e se penetra na casa conventual. Em especial na igreja, mas até mesmo em outros



cômodos mais privados, onde a simplicidade da edificação parece não ser perturbada por algo que poderia ser entendido como uma mácula: a explosão cromática dos afrescos.

É fato que essa técnica foi secularmente aplicada nos edifícios medievais e mesmo na época denominada moderna, mas a casa franciscana, a começar por Assis, conhecerá uma série de novas experimentações. De fato, proporção, luz e cores, numa figuração fresca e quase jovial, pode-se dizer, contamina um novo ciclo da pintura universal. O mundo dos símbolos que regia a maneira de interpretar uma obra artística vai dando lugar a uma imaginação visiva, que aproxima a experiência religiosa da vida cotidiana das populações. E a beleza do criado, que Francisco havia exaltado como forma de acesso ao próprio Criador, vai sendo decodificada pela arte.

A imagem seria assim convocada no sentido de criar uma relação mais direta e emotiva com os fiéis. No caso da basílica de Assis, cobrindo as paredes de eventos praticamente do seu próprio tempo, estampando episódios como a renúncia dos bens, a aprovação da regra, Francisco a pregar diante de Honório III no seu leito fúnebre de morte.

Figura 12 - Imagens da vida de São Francisco: despojamento das vestes e encontro com o papa para aprovação da regra



Fonte: ROMANO et al., 2018.

Nesse caminho, a própria cidade penetra na igreja, pois a vida do santo, como se viu, será permeada pelo acesso a diversos lugares. Episódios relacionados a fatos miraculosos ou legendários vão sendo figurados nas paredes e, conseqüentemente, os lugares urbanos a eles vinculados. A cidade surge através do desenho que a representa de forma “real”, ou apenas pela operação mnemônica da recordação. Assim, comparecerão dentro da basílica,



a reconstrução da igreja de São Damião, em Assis, a prédica aos pássaros, em Bevagna, a caça ao demônio em Arezzo ou o recebimento dos estigmas, na paisagem bruta de La Verna.

Figura 13 - Episódios da vida de São Francisco em Bevagna e Arezzo



Fonte: ROMANO et al., 2018 e <https://contoselendasmedievais.blogspot.com/2017/06/como-sao-francisco-pregou-as-aves-e-fez.html>, acesso em 29 ago. 2019.

Soma-se ao suporte da qualidade da arquitetura da igreja-sepulcro de Assis a força emotiva e estética das pinturas parietais que expõem ao fiel a história do santo. Da região mãe da Úmbria e Toscana esta prática ecoará em muitos outros locais, a exemplo de Arezzo, Perugia e Florença.

Figura 14 - Nave superior da igreja e afrescos da basílica de Assis.



Fonte: ROMANO et al., 2018.

No campo da história da paisagem, segundo uma série de autores como Augustin Berque e Anne Cauquelin, esta só se inaugura no contexto do Renascimento. Portanto, quando se incursiona pela Grécia antiga, pelos lugares

Maria Angélica Silva
In via: Francisco, os franciscanos e seus lugares no mundo

Dossiê



onde gregos e romanos habitaram na Antiguidade, as belas paisagens que se veem “com olhos de quadro” não teriam sido apreciadas por eles no sentido da fruição estética que se vincula às paisagens. Afirmar-se que entre os gregos, em que os deuses são donos do mundo, não há paisagem (CAUQUELIN, 2007, p. 44-53). Ela só se faria conhecer afastada da intermediação divina, vinda do reino mítico ou religioso. E nem sequer estaria presente enquanto o trabalho árduo com a terra estivesse em jogo. Não iria aparecer enquanto, de frente baixada para a terra, o camponês se inclinasse sobre o solo a ser cultivado, nem entre os pescadores na faina da pesca. Demandaria que o sustento estivesse garantido e o trabalho aliviado, para que a paisagem então surgisse.

Assim, o tema da paisagem liga-se à possibilidade de fruição, distante do mundo rural. “Se a natureza está por toda a parte, a paisagem só pode nascer no olhar do cidadão que olha de longe para ela; com efeito, não é obrigado a trabalhar aí, todos os dias, sem levantar os olhos do chão” (DEBRAY, 1993, p. 193).

Outros autores chegam a listar as condições para o surgimento da paisagem: pressuporia, além de se fazer no domínio do laico, que uma determinada cultura submetesse o que está ao seu redor a registros pictóricos, literários e arquitetônicos (BERQUE, 1994).

Portanto, sob essa ótica, não haveria ainda paisagens nas paredes franciscanas medievais. Se essa postura conceitual pode ser discutida sob inúmeros aspectos, contudo, certamente, com o franciscanismo e com sua relação com a cidade, inaugura-se uma poética figurativa bem mais próxima do mundo laico. Ao se afastar da bíblia como única fonte de inspiração, para estampar em suas paredes o próprio cotidiano, mesmo que o de um santo, acaba por permitir que a vida cotidiana se revele nos recintos sacros. Tratar-se-ia de um processo de humanização da pintura, que concederia a possibilidade de se construir uma “biografia visiva” do santo (ROMANO, 2018:89). E assim, de uma maneira original de usar o recurso da imagem.

Considerações finais: situação no caso da Idade Média

Com o declínio da Idade Média, encerra-se um período relevante na construção da relação entre o franciscanismo, a arquitetura e a cidade. A polêmica acerca dos lugares edificados, que, de fato, acabará fracionando a Ordem, não se conclui e prossegue por séculos. Com São Bernardino de Siena (1380-1444), por exemplo, um dos que trabalharam por sua reforma, houve um



novo surto de construções que não se limitou à Itália, mas também se estendeu para a França e a Espanha. Este novo ciclo retoma o desejo da simplicidade (ROBSON, 2009, p. 202-208).

Neste momento e no correr de diversos outros, quando está em pauta a pobreza, a temática acerca do espaço físico a ser ocupado pela Ordem consubstanciará os movimentos divisionistas, pelos quais passará em diversos momentos. Em 1517 efetivam-se os esforços anteriores, como o de São Bernardino, com a criação da família dos observantes. Ressalta-se que é nesse contexto que se concede à corrente mais antiga do franciscanismo a denominação de “claustral” ou “conventual”, em contraposição à recém-criada dos observantes.

Um pouco mais tarde, no contexto da criação da família capuchinha, aprovada oficialmente em 1528, ocorre um novo ciclo rumo ao despojamento, e conseqüentemente, à busca pelos sítios periféricos, à modéstia dos materiais simples de construção, à pequena dimensão das igrejas e às celas, humildes e baixas. Um dos membros desta família, frei Bernardino de Colpetrazzo, alertará sobre os males de se abandonar os lugares solitários e de se dispor perante “as deliciosas cidades” (MERLO, 2005, p. 260).

No contexto de toda esta peregrinação espacial e temporal através do acompanhamento dos lugares franciscanos, constata-se que se vai adotar um outro sentido para o que se compreendia até então como vida contemplativa, referida ao padrão tradicional dos monges, cerrado em seus monastérios, como também acerca da vida ativa, que será objeto de profundas alterações.

Se antes, ao longo de lentas décadas, cidades iam se constituindo em torno dos distantes monastérios, no caso dos conventos mendicantes, eles próprios saltaram para dentro do espaço urbano, sendo capazes de modificá-los drasticamente. Por isso, pode-se afirmar que, se por um lado os frades menores alargaram as dimensões do monastério, conduzindo-o a todas as partes do mundo, por outro eles o destruíram, assinalando o declínio das velhas práticas religiosas.

Com relação ao voto de pobreza, ele surgirá durante toda a Idade Média como um impasse: defendido como ideal e sempre submetido a diversas interpretações. A abordagem da experiência medieval dos frades, na perspectiva do campo da arquitetura e do urbanismo, deixa claro os impasses que a Ordem enfrentou para se posicionar ante o mundo em mutação. E como agiu, embora pregando a modéstia e a discrição, como um dos agentes potentes de anúncio de uma modernidade que se consubstanciará tempos depois, como um imenso fórum



do consumo.

Referências

ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja em Portugal*, v. 1 e 2. Coimbra: Imprensa Acadêmica, 1910.

AMBROSELLIE, C., et al. Ordres mendiants et urbanisation dans la France médiévale. In: *Annales – economies, sociétés, civilisations*, Paris: Armand Colin, março/abril de 1968.

BELO, Albertina Marques Pires. Monumentalidade da Lisboa do Século XVIII. O Real Convento de São Francisco da cidade de Lisboa. In: *Revista Arquitectura Lusíada*, n. 7, ISSN 1647-9009, 2015. p. 109-119.

BERQUE, Augustin, et al. *Cinq propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BOUGEROL, Jacques Guy. *Le origini e la finalità dello studio nell'Ordine Francescano In Antonianun*. Roma: Pontifici Athenaei, 1978.

BONELLI, Renato (org). *Francesco D'Assisi: chiese e conventi*. Milão: Electa, 1982.

BRAUNFELS, Wolfgang. *Monasteries of Western Europe – the architecture of the orders*, Londres: Thames and Hudson, 1993.

BRUZELIUS, Catherine. *Preaching, building and burying: friars in the city*. New Haven & Londres; Yale University Press, 2014.

CALADO, Margarida. *O convento de S. Francisco da Cidade*, Lisboa: Faculdade de Belas Artes, 2000.

CANIL, Egidio. *San Francesco e Rivortorto – I primi passi della fraternità francescana, il santuario, il territorio*. Assis,: Casa Editrice Francescana, 2004.

CARRATELLI, Giovanni Pugliese. *Dall'eremo al cenobio – la civiltà monastica in Italia dalle origini all'età di Dante*. Milão: Libri Scheiwiller, 1987.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*, São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DA SILVA, Maria Angélica; MELO, Taciana. Santiago, ALVES, Naiade. Faith and travel: old Franciscan friaries and itinerancy from Italy to Portugal and Brazil. In: *VIII Congresso AISU*. Nápoles: Cirice, 2017. v. 1. p. 25-30.



DEBRAY, Regis. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

DE MARCHI & PIRAZ, *Santa Croce, oltre le apparenze*. Pistoia: Gli Ori, 2011.

DI PARMA, Salimbene de Adam. *Cronaca* (tradução de Berardo Rossi.) Bolonha: Radio Tau, 1987.

ESPERANÇA, Manuel da Frei. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco da Província de Portugal*, v.1 e 2. Lisboa, 1656 e 1666.

FINI, Marcello. *Bologna sacra: tutte le chiese in due millenni di storia*. Bolonha: Pendragon, 2007.

FRESNEDA, Francisco Martinez. *Manual de filosofia franciscana*. Madrid: Bibl. de Autores Cristianos, 2004.

GARANI, Luigi. *Il bel S. Francesco di Bologna*. Bologna: Tipografia Parma, 1948.

JORGE, Virgolino Ferreira. Organização espaço-funcional da abadia cistercienses medieva Alcobaça como modelo de análise. In *Itinerarium*, n. 185. Lisboa: Editorial Franciscana, 2006.

LE GOFF, Jacques. Apostolat mendicant et fait urbain dans la France médiévale. In: *Annales economies, sociétés, civilisations*, Paris: Armand Colin, mar-abril, 1968 e julho/agosto, 1970.

_____. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LOPES, Félix Frei. *Colectânea de Estudos de História e Literatura – Fontes Históricas e Bibliografia Franciscana Portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 3v., 1990.

MAIOLI, Giorgio; GIANAROLI, Onofrio. *Monasteri e conventi francescani in Emilia Romagna*. Bolonha: Labanti & Nanni, 1995.

MALAFARINA, Gianfranco (Ed.). *La Basilica di San Francesco ad Assisi*. Mirabilia Italie Guide. Modena: Franco Cosimo Panini Editore, 2005.

MARANESI, Pietro. Il cantico delle creature di Francesco d'Assisi: vie di lode al signore della vita. In: *Frate Francesco – Rivista di cultura franciscana*, ano 83, n. 2, Roma: Nuova Serie, 2017.

MERLO, Grado Giovanni. *Em nome de Francisco – história dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI*. Petrópolis: Vozes, 2005.



RIBEIRO, Bartolomeu. *Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular*. Leixões: Residência de Leixões, 1946.

RICCI, Teobaldo. *La Celle di Cortona, storia e spiritualità*. Gênova: Marconi, 2009.

ROBSON, M. *The Franciscans in the Middle Ages*. Suffolk & New York: Boydell Press, 2009.

ROMANO, Serena, “Giotto, Francesco, i Francescani” in GRAU, Engelbert, MANSELLI, Raoul, ROMANO, Serena. *Francesco e la rivoluzione di Giotto*. Parma: Edizione Biblioteca Franciscana, 2018.

ROS, Vicente Garcia. *Los Franciscanos y la arquitectura de San Francisco a la exclaustación*. Valência: Editorial Assis, 2000.

SCHENKLUHN, Wolfgang. *Architetettura degli Ordini Mendicanti – Lo stile architettonico dei Domenicani e dei Francescani in Europa*, Padova: Editrici Franciscane, 2003.

_____. *San Francesco in Assisi: Ecclesia Specialis*. Milão: Edizione Biblioteca Franciscana, 1994.

SERRA, Joselita Raspi (org.). *Gli Ordini Mendicanti e la citttà*. Milão: Edizioni Angelo Guerini, 1990.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos, et al. *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – guia histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VAUCHEZ, André. *Francisco de Assis – entre história e memória*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

Notas

¹A pesquisa contou com o suporte financeiro do CNPq (bolsa de produtividade em pesquisa) e da CAPES (bolsa de professor visitante junto à Universidade de Bolonha).

²Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³Estes quantitativos estão documentados no *Provinciale vetustissimum*, que lista inclusive as custódias e os lugares; estes se aproximam de 1.500, demonstrando uma expansão geográfica e qualitativa jamais alcançada por outras formações monásticas ou religiosas (MERLO 2005, p. 138-139).



⁴“Amparada por seus beneficiadores, os frades fizeram suas casas nos maiores centros populacionais, onde eram auxiliados por eclesiásticos mais maduros, comunidades monásticas, organizações urbanas, as universidades e o clero (...). Visto que os primeiros frades se estabelecerão em pequenos números, inicialmente grupos de três ou quatro, vivendo em habitações comuns, as fundações podiam ser realizadas, comparativamente, com um baixo nível de investimento dos fundadores e patronos. Um dos primeiros frades germânicos professava não saber o que era um claustro” (ROBSON, 2009, 41). (T.A.)

⁵Trata-se de três tumbas que foram dispostas na área externa ao convento. Na primeira foi depositado Accursio, em 1260. Ao lado dele, Odofredo, como Accursio, importante teórico do direito romano, em 1265; depois, Rolandino dei Romanzi, autor daquela que é considerada a primeira obra em direito criminal (GARANI, 1948, p. 47).